

CÍRCULOS DE LEITURA EM AMBIENTES NÃO FORMAIS DE EDUCAÇÃO: ESTUDOS E REFLEXÕES

*READING CIRCLES IN NON-FORMAL EDUCATION ENVIRONMENTS:
STUDIES AND REFLECTION*

Sabrina Bonqueves Fadanelli¹
Samira Dall'Agnol²

Resumo: O Plano Nacional do Livro e da Leitura (PNLL), instituído em 2006, estabelece que sejam formados planos mediadores para o incentivo à leitura, dentro e fora do ambiente escolar formal. Ainda assim, poucos são os estudos sobre a prática dos círculos de leitura com jovens e adultos que não fazem parte do sistema escolar de educação básica. Pretende-se, nesta reflexão, apresentar os escassos estudos existentes nesse contexto entre 2006 e 2019, além de argumentar em defesa de projetos e investimentos na prática de círculos de leitura, que pode contribuir muito para o desenvolvimento de leitores literários no Brasil.

Palavras-chave: Círculos de leitura. Literatura. Ambientes não-formais de educação.

Abstract: The Brazilian National Plan for the Book and Literature (PNLL), instituted in 2006, establishes that plans for the development of mediating incentives to promoting reading in and out of the formal school environment should be designed. Yet few are the studies and the research regarding literary reading circles which do not involve young people and adults inserted in formal educational scenarios found. This article aims at introducing these few studies, from the year of 2006 to 2019, as well as defending more projects and investment on this practice of reading circles, which could greatly contribute to the development of literary readers in Brazil.

Keywords: Reading literary circles. Literature. Informal educational environment.

Introdução

Não é novidade que a prática da leitura contribui largamente para uma formação mais completa do ser humano, e, quando essa prática se estende à leitura literária, provoca “uma ruptura no interior das vivências do sujeito, apontando-lhe as possibilidades de outro universo e alargando suas oportunidades de compreensão do mundo” (ZILBERMAN, 2008, p. 55). Todorov (2019, p.33) complementa afirmando que o leitor não profissional

¹ Doutora em Letras pela UFRGS. Professora da Universidade de Caxias do Sul.

² Doutora em Letras pela Universidade de Caxias do Sul e Professora na mesma instituição.

prática a leitura não necessariamente para dominar um determinado assunto ou método, mas na tentativa de buscar sentido sobre o homem e o mundo, na ânsia de descobrir algo que enriqueça sua existência ou que o faça compreender-se mais e melhor.

O Plano Nacional do Livro e da Leitura (PNLL)³, instituído pelo Ministério da Cultura em 2006, estabelece quatro eixos principais como diretrizes:

1. Democratização do acesso ao livro;
2. Formação de mediadores para o incentivo à leitura;
3. Valorização institucional da leitura e o incremento de seu valor simbólico;
4. Desenvolvimento da economia do livro como estímulo à produção intelectual e ao desenvolvimento da economia nacional.

O mesmo plano deixa claro que a abrangência das políticas públicas não inclui somente as escolas de ensino fundamental e médio, mas também bibliotecas, ações de pontos ou locais de leitura, feiras, e a formação de professores e bibliotecários. Ou seja, não somente crianças e adolescentes devem ser contemplados, mas a população em geral também deve ser incluída. Mesmo porque, já afirmava Todorov (2019, p.09) que o maior contato que um estudante de ensino médio tem com o texto literário ocorre nos momentos de compreensão de regras da língua portuguesa, considerando as aulas de língua. Enquanto isso, nas aulas de literatura, a aproximação restringe-se ao resumo de obras, classificadas em gêneros e períodos literários. O historiador e ensaísta alerta que o caminho que se vem tomando para o ensino de literatura – atendo-se a uma abordagem interna estrita, deixando de lado o diálogo de cada obra com seu contexto – dificilmente promoverá o amor pela literatura e pela leitura.

Uma das formas de se agregar o adulto à prática literária são os círculos de leitura. Segundo Cosson (2017, p. 154), “círculos de leitura são espaços sociais nos quais as relações entre textos e leitores, entre leitura e literatura, entre o privado e o coletivo são expostas e os sentidos dados ao mundo são discutidos e reconstruídos”. Clubes de leitura, clubes do livro, círculos de leitura etc. são alguns dos nomes dados a espaços de leitura e discussão de livros. Sua prática se dá tanto no meio escolar quanto em ambientes não-formais de aprendizagem e de convivência social. No entanto, afirma Schmitz-Boccia (2012, p. 98):

³ Disponível em <http://www.cultura.gov.br/pnll> . Acesso: janeiro de 2020.

[...] em comparação com a leitura e o estudo literário escolarizados – normalmente visando à leitura de textos canônicos, guiados muitas vezes por roteiros de compreensão ou com o objetivo de classificar as obras em períodos ou estilos – os clubes de leitura buscam, em geral, a fruição da leitura e a discussão de aspectos relevantes para o grupo.

Dentre os principais objetivos de um círculo de leitura, espera-se, minimamente, que cada leitor descubra, a partir de seu próprio repertório de experiências vividas, que possui capacidade e qualificação para a leitura, através da sua prática e das trocas com os demais participantes (YUNES, 1999, p. 20).

Pelos registros disponíveis, entende-se que os primeiros clubes de leitura no Brasil surgiram na década de 40 (HALLEWELL, 2005). Existem diversos estudos no Brasil e no mundo sobre círculos e clubes de leitura, suas práticas e seus efeitos na educação primária e secundária (KONG e FITCH, 2002; HÉRBERT, 2008; SANT'ANNA e PINHEIRO, 2013; LEÃO e SOUZA, 2015; entre outros). No cenário brasileiro, embora existam diversos círculos de leitura, poucos estudos que relatam essa prática são encontrados. Cosson (2017, p. 149) apresenta em seu trabalho alguns exemplos específicos de clubes do livro e, apesar de ser possível encontrar muitos mais na internet e nas bibliotecas ao redor do Brasil, poucos estudos mais aprofundados sobre a operacionalidade e os efeitos dessas práticas podem ser encontrados na base de dados da Capes, ou no Google Acadêmico, para citar apenas fontes eletrônicas.

Assim, pretende-se apresentar o cenário de estudos sobre os círculos de leitura no Brasil, privilegiando ambientes não-formais de educação e, na medida do possível, argumentar em favor de projetos e estudos sobre os círculos de leitura fora do ambiente escolar formal.

Círculos de leitura no Brasil: ambientes não-formais de educação

O levantamento realizado sobre círculos de leitura fora do ambiente escolar concentrou-se na base de dados da Capes, no Google Acadêmico e na biblioteca da Universidade de Caxias do Sul, estabelecendo como data inicial a instituição do PNLL, em 2006. Embora essa pesquisa tenha sido bastante minuciosa, obviamente não podemos

afirmar que tenhamos atingido todos os estudos existentes no Brasil. Porém todos os estudos que pudemos encontrar serão descritos nesta seção do artigo.

Garcia (2010) realizou uma pesquisa com participantes de rodas de leitura literária, investigando de que forma a literatura influi na formação do sujeito. Os participantes eram alfabetizando de um curso supletivo no Rio de Janeiro-RJ. O estudo apresentou resultados positivos, mostrando que é possível incentivar a formação de leitores de camadas populares, em processo de alfabetização, a partir da literatura, pois os participantes, através de um leitor-guia⁴, estabeleceram diferentes conexões com a leitura, desenvolvendo interesse por obras literárias.

O estudo conduzido por Schmitz-Boccia (2012) descreve um clube de leitura de adultos na cidade de São Paulo-SP, a fim de refletir sobre a distância que há entre uma proposta de leitura colaborativa e o ensino inadequado da literatura na escola. Questionários foram utilizados como instrumentos para identificar possíveis transformações de hábitos de leitura ocasionadas pela participação no círculo. Nas palavras de Schmitz-Boccia (2012, p.104): “o grupo, criado inicialmente apenas para compartilhar as leituras, acaba por valorizar e legitimar a função da leitura em nossas vidas”.

Em outro estudo, Souza (2012) oferece uma perspectiva conceitual e metodológica ao associar os círculos de leitura à apresentação do sujeito ao mundo, defendendo que, embora pareça antiquada, a prática de leitura em clubes e círculos pode contribuir para a autonomia intelectual dos participantes. Souza diz ser uma prática antiquada, mas o melhor seria dizer ‘antiga’, visto que é realizada há muito tempo e atualmente vem ganhando novos adeptos, através de novas roupagens⁵. Expondo adaptações de alguns exemplos retirados de Yunes (1999), discute como os círculos de leitura representam inclusive uma força de resistência à sociedade consumista, ao esvaziamento de sentido e de opções culturais: a prática do círculo de leitura não envolve uma leitura em público, mas sim uma troca de

⁴ O leitor-guia é o participante do círculo que conduz a leitura, coordenando o funcionamento do círculo (Yunes 1999).

⁵ Marisa Lajolo, no livro “Como e por que ler o romance brasileiro”, discorre sobre os Gabinetes de Leitura que existiam no Brasil no século XIX. Também, há alguns anos, o filme “Sociedade Literária e a Torta de Casca de Batata” (baseado no romance homônimo) abordou a importância de um clube de leitura, numa história que se passa durante a 2ª Guerra Mundial. Ainda, há cerca de 5 a 6 anos, houve uma onda crescente de clubes de leitura, os quais utilizam as mídias virtuais para divulgar, compartilhar e promover encontros entre os leitores. Como exemplos, pode-se citar TAG – Experiências Literárias (<https://taglivros.com>) e Intrínsecos Clube de Leitura (<https://www.intrinsecos.com.br/>), entre outros com grande número de adeptos.

significados produzida coletivamente; não é pré-determinada por uma temática; e não deve ser um espaço para um erudito centralizar as discussões.

Já a investigação de Gonçalves (2014) foi realizada com jovens em um Centro de Referência e Assistência Social de bairros de um município da Região Metropolitana de Salvador - BA. Ao final da pesquisa, foram observadas mudanças relativas à concepção que os jovens exprimiam sobre leitura e literatura. Os resultados positivos desse estudo foram os seguintes: o uso de experiências de vida para que os jovens pudessem dar sentido ao texto; o pensamento coletivo; a avaliação mais crítica de temas importantes para suas realidades; a socialização de suas experiências literárias entre vizinhos, familiares e amigos, entre outros. Dessa forma, o estudo indica que a leitura e a literatura por si só não mudam as duras realidades sociais, mas podem auxiliar na reflexão, no movimento e na busca de melhorias. A célebre frase do poeta gaúcho Mário Quintana sintetiza poeticamente essa percepção acadêmica: “Os livros não mudam o mundo, quem muda o mundo são as pessoas. Os livros só mudam as pessoas”.

São escassos os estudos sobre os círculos de leitura em ambientes educativos não-formais; ainda mais raros são os estudos que envolvem elementos virtuais. Assim, apenas um foi encontrado que focalizasse os círculos de leitura e, também, se concentrasse no ciberespaço. Apesar disso, o estudo aponta certa proliferação desse modelo. De acordo com Silva (2015), são inúmeros os clubes que propagam a leitura no espaço da internet; muitos mantêm não somente suas páginas em formatos de *blog* ou *vlog*, como também participam integralmente das redes sociais, as quais representam ferramentas de suma importância para a interação e a troca entre leitores. A autora descreve os entornos tecnológicos de alguns clubes de leitura em ambientes virtuais, apontando que nesse ambiente é possível uma troca de papéis entre leitor-texto⁶, aumentando assim a difusão e o interesse pela literatura. Ainda, coloca que (p. 173-174):

O ciberespaço tornou-se não somente um meio de interação pessoal, mas também um novo suporte para a participação qualitativa do leitor. Para a fomentação da Literatura é necessário a participação do leitor, um não pode existir sem o outro. Se hoje temos um leitor ativo, navegante nas ondas

⁶ Essa troca ocorreria na interação entre leitor-texto-autor, a partir da qual o leitor também teria espaço para ler de modo mais ativo: compartilhando impressões, interpretações e discutindo – com outros leitores e com o próprio autor – as possíveis reverberações da leitura realizada.

tecnológicas, que interage, participa da criação de textos, torna-se autor, a Literatura também tende a aproximar-se deste novo modo interativo.

Através dos poucos exemplos de estudos encontrados, percebe-se a importância de expandir a pesquisa sobre a prática de círculos de leituras em ambientes não-formais de educação, porém isso também depende de incentivos vindos de agentes governamentais e educacionais no Brasil.

Não somente os clubes de leitura, mas também iniciativas, projetos e estudos mereceriam um olhar mais cuidadoso por parte dos agentes governamentais, no intuito de promover, seja financeira e/ou educacionalmente, a leitura. Pelo menos, na última década, o estudo Retratos de Leitura no Brasil (2016 – última edição) vem sendo realizado periodicamente, buscando mapear o papel da leitura entre a população brasileira, com incentivo da união. No entanto, inúmeros projetos de pesquisa e textos acadêmicos (dentre eles, teses e dissertações) objetivam analisar de modos distintos a leitura no Brasil (vide FERREIRA, 1999; PENIDO, 2017).

Em defesa de mais atenção à prática dos círculos de leitura fora do ambiente escolar

Num primeiro momento, pode parecer coerente com o discurso de alguns professores de diferentes níveis de ensino a cantilena da pouca leitura ou do parco conhecimento cultural⁷ dos estudantes. Assim como Chartier (2001, p. 104) reitera:

Nos anos 20, Ivor Armstrong Richards, o crítico literário que fundou seus princípios valorativos na crítica da leitura tal como se praticava nas universidades inglesas em princípios do século XX, pôs-se a indagar como iam seus alunos e descobriu que esses leitores universitários eram incapazes de decifrar um poema não só por suas imagens, mas também por suas palavras.

⁷ O termo 'cultura' está sendo utilizado de modo reducionista, contemplando (equivocadamente) somente o legado da tradição ocidental, europeia, cristã e masculina.

Entretanto, com um olhar um pouco mais atento, mesmo que os alunos tenham trilhado um percurso de leitura distinto daquele apregoado pela tradição literária, é inquestionável que há práticas de leitura literária sendo realizadas. Tomando por base as reflexões de Todorov, deve-se encorajar a leitura de todas as formas – “inclusive a dos livros que o crítico profissional considera com condescendência, se não com desprezo”. Afinal, esses romances populares contribuem para o fortalecimento do hábito de leitura de inúmeros estudantes, possibilitando “a construção de uma primeira imagem coerente do mundo”, imagem essa que será complementada e aprofundada com a leitura de outras obras de cunho mais complexo (TODOROV, 2019, p.82).

Ainda em meados do século passado, metade da população brasileira era analfabeta (SCLIAR, 2008, p. 37). De acordo com Assunção (2008), os índices de leitura no Brasil cresceram, mas qual leitura, e de que leitores? A chance de que esses leitores tenham uma perspectiva de leitura mais diversificada e abrangente (indo além da leitura técnica e instrumental) é ainda muito pequena, pois a escola e a universidade, dirigida para a formação de mão-de-obra, não dão a esses leitores acesso a uma literatura mais qualificada. Na pesquisa intitulada Retratos da Leitura no Brasil, os resultados evidenciam que ainda é a escola primária e secundária que realmente faz o brasileiro ler literatura. O problema é que, ao se retirar do ambiente escolar, esse leitor não dá continuidade ao percurso, mostrando o quanto a escola perde seu poder de influência em relação às diferentes demandas da vida profissional e social do indivíduo.

É imprescindível retomar Todorov (2019, p.27) neste ponto, a fim de discutir o real papel da escola na formação desse leitor. Segundo o autor, em toda matéria escolar faz-se uma escolha entre ensinar a disciplina (no caso da literatura: seus períodos, estilos, análises, etc.) ou o seu objeto (segundo o caso da literatura: suas principais obras e reverberações). É bastante nítido, no ensino de literatura, como a preferência recai sobre a primeira opção. Assim, ficam os questionamentos: estariam os alunos lendo durante o ensino médio para serem aprovados, visto que não estudam as obras, mas sim ‘sobre’ elas? Ainda, sairiam os estudantes da escola e, prontamente abandonariam as práticas de leitura, ou seja, sem terem desenvolvido realmente o hábito da leitura, por estudarem a disciplina e não o objeto?

Certamente modificar a postura escolar em torno do ensino e da difusão da literatura e da formação de futuros leitores é uma necessidade urgente. Conforme Souza (2012, p. 93):

A subjetividade do ato de ler parece não permitir sistematizações significativas para o seu aprendizado, no entanto, pensar esta prática metodologicamente não significa reduzi-la a uma abordagem didática, na qual os educandos desenvolvem um produto a ser averiguado, mas percebê-la como processo de produção de sentidos a partir da leitura e para além da escola. A problematização desses sentidos é o que proporcionará ao sujeito seu [re]encontro com o prazer da leitura, pois a mesma não se apresentará para ele como um conteúdo a ser cobrado, será parte de sua vida.

Em outras palavras, deveria ser o grande objetivo da escola oportunizar o desenvolvimento de práticas de leitura na escola, sem o intuito de transformar essa leitura em algo concreto, mensurável ou mesmo como forma de avaliação. Afinal, é a partir do aprimoramento da reflexão, do questionamento, da inquietação que a leitura pode provocar que o estudante irá encontrar o prazer da leitura e, por consequência, não somente seus sentidos, mas também seus significados para cada leitor.

Porém, como lidar com os remanescentes da escola que não conseguiram alcançar o proposto por Souza (2012), que hoje compõem a classe trabalhadora brasileira? Deve-se, então, ignorar Antonio Candido, (1995, p. 191) quando afirma que “a luta pelos direitos humanos abrange a luta por um estado de coisas em que todos possam ter acesso aos diferentes níveis da cultura”?

Segundo o estudo de Miller e McKenna (2016), o Brasil é o primeiro na lista dos cinco países que mais investem em promoção de alfabetização e leitura. Entretanto, quais são os resultados desse investimento? Pelos poucos estudos encontrados, fica evidente que esse investimento não está abarcando a população egressa da escola básica. Segundo a quarta edição da obra Retratos da Leitura no Brasil, de 2016, 44% dos brasileiros ainda não é considerada leitora. O brasileiro lê, em média, 2,43 livros por ano (FAILLA 2016). Todavia, os resultados positivos descritos previamente demonstram que, apesar das dificuldades, é possível considerar a prática de círculos de leitura como uma alternativa viável para que a formação de leitores em nosso país possa se desenvolver mais plenamente.

Leffa (1996) descreve duas perspectivas para a aquisição da leitura: a perspectiva do texto e a do leitor. A perspectiva do texto o encara como fator de compreensão primordial. Dessa forma, as características textuais mais ou menos complexas determinariam o quanto

um leitor compreenderia do que foi lido. A princípio, o fator mais importante de exame de características do texto, tomado como uma estrutura linguística concreta, era basicamente o vocabulário. Através da complexidade do vocabulário, se estabelecia se um texto seria mais ou menos compreensível.

Ainda, Wilson Leffa (1999) critica essa centralidade do vocabulário para compreensão de um gênero escrito, defendendo que considerar apenas esse aspecto representa uma visão incompleta para o ato de ler. Outra perspectiva de estudos de leitura, mais apropriada, segundo Leffa (1999), considera o leitor e sua interação com o texto como um fator de compreensão primordial. Assim, o leitor, suas condições e seu letramento, e não apenas o texto como estrutura, passam a ter um papel de destaque. De acordo com Kleiman (1989; 2013), o processo de compreensão de um texto passa pela utilização do conhecimento prévio do leitor. Esse conhecimento se constitui de três níveis que vão interagir entre si no momento da leitura: o conhecimento linguístico; o conhecimento textual; e o conhecimento de mundo.

Desempenhando um papel essencial no processamento do texto, o conhecimento linguístico possibilita que nossa mente perceba as palavras, para depois agrupá-las em frases, identificando os segmentos e as funções, até chegar à compreensão. O componente textual do processo de compreensão possibilita ao leitor uma materialização formal de significados e a interação pragmática que ocorre através da coesão e da estrutura do texto. (LEFFA, 1996). O leitor interpreta elementos textuais que marcam suas micro e macroestruturas, interagindo com e imprimindo sua identidade ao texto, determinando expectativas em relação ao lido. Tais expectativas serão estabelecidas em parte também pelo conhecimento de mundo do leitor, que lhe permite estabelecer os objetivos da leitura e a formulação de hipóteses sobre ela (KOCH; ELIAS, 2015).

Entretanto, as perspectivas com enfoque ou no texto ou no leitor não levavam em conta o leitor enquanto um sujeito inserido num determinado contexto sociocultural. Os textos então passam a ser considerados dentro de seu contexto pragmático, estendendo a investigação do texto ao contexto, entendido, de modo geral, como o conjunto de condições – externas ao texto – de produção, recepção e interpretação textual (KLEIMAN, 2004, 2013).

Os círculos de leitura literária representam mecanismo eficaz na melhoria da qualidade de leitores que não estão mais inseridos no ambiente escolar, pois oferecem a

oportunidade de o leitor não somente interagir com o texto literário sob as perspectivas do próprio texto e do leitor, mas também em um nível sociocultural, ao trocar experiências com os demais participantes e se descobrir capaz de interligar seu conhecimento de mundo com a riqueza de conhecimento que o texto literário pode proporcionar. Conforme Amorin (2008, p. 18):

Ler para o outro é um ato de amor. Já ler para si próprio é, mais do que uma ação intuitiva que busca prazer, conhecimento e desenvolvimento da própria inteligência, uma atitude de cidadania. Mesmo porque um livro, mais do que qualquer outro objeto que se conhece, vai muito além do seu significado primeiro [...]. É justamente além do limite dessa simplória definição que se dá seu significado pleno e tem início a produção do valor simbólico e social da leitura.

É conveniente citar, ainda nesse contexto, as palavras de Manguel (2004, p. 53): “ao seguir o texto, o leitor pronuncia seu sentido por meio de um método profundamente emaranhado de significações aprendidas, convenções sociais, leituras anteriores, experiências individuais e gosto pessoal”. Nessa perspectiva, tanto Manguel (2004) quanto Amorin (2008) percebem as peculiaridades que envolvem o ato de ler e as inúmeras possibilidades de interação entre leitor e texto, proporcionando resultados distintamente relevantes.

Por sua vez, Cosson (2017, p. 139) reitera que o círculo de leitura é uma das inúmeras possibilidades de constituição de uma comunidade de leitores, apresentando vantagens, como o seu caráter social, permitindo aos leitores apropriarem-se de e/ou reforçar conceitos e tradições; e seu caráter formativo, possibilitando uma aprendizagem coletiva, promovendo a ampliação da leitura individual.

Ainda, Bamberger (1995), Cunha (2008), e Rezende, Franco e Araújo (2013) complementam o argumento apresentado, enfatizando que as autoridades do Estado, da comunidade e da escola precisam trabalhar para que a importância da leitura ultrapasse o nível escolar. Seria importante que, com a colaboração das entidades representativas do segmento do livro e de outros atores governamentais, fossem desenvolvidos projetos de círculos de leitura para as cidades e regiões brasileiras.

Uma possibilidade de promover um alcance significativo dos círculos de leitura e da literatura perpassaria a mídia e a própria internet. Nos Estados Unidos, por exemplo, a apresentadora Oprah Winfrey incluiu em seu programa um clube de livros, instigando a leitura tanto de clássicos da literatura americana contemporânea quanto de autores menos consagrados. Segundo Hall (2003), todos os livros incluídos no programa aumentaram suas vendas consideravelmente e passaram a figurar na lista de *best-sellers*. A instituição de um clube do livro em um programa de grande alcance nacional poderia auxiliar na busca por leitores mais interessados em expandir seu universo literário. Porém essa sugestão não pode ser abordada sem certa problematização: as escolhas de livros divulgados por qualquer mídia muito provavelmente seriam pautadas por fatores econômicos: os livros escolhidos seriam os das grandes editoras parceiras dos veículos midiáticos, ou aqueles de autores que pudessem pagar para promover suas obras. Ainda assim, a promoção de círculos de leitura através da mídia nos parece melhor do que nada, mesmo que os leitores fossem influenciados a ler X ou Y, pois um leitor real pode se apresentar preferível a um leitor idealizado, utópico (PINTO, 2014).

A internet, sem dúvida, é o instrumento que se apresenta mais promissor nesse âmbito, pois “é uma ferramenta que abre caminhos entre o que acontece no mundo e na escola, propiciando inovar na leitura e na construção do conhecimento” (REZENDE, FRANCO E ARAÚJO, 2013, p.260). A redução da sensação de distância inalcançável entre o leitor e texto literário também auxilia nesse processo:

Com as redes eletrônicas, [...] sequências temporais que eram distintas, que supunham operações diferentes, que introduziam a duração, a distância, se aproximam. Atualmente, é na esfera da comunicação privada ou científica que a transformação vai mais longe: ela indica aquilo que poderia ser amanhã o conjunto da edição eletrônica. [...] O papel do crítico é ao mesmo tempo reduzido e ampliado. Ampliado na medida em que todo mundo pode tornar-se crítico (CHARTIER, 1999, p. 17).

É imprescindível apontar que, no caso da internet, seu uso na disseminação de práticas de círculos de leitura literária ainda apresenta algumas restrições, visto que infelizmente grande parte da população brasileira ou não tem acesso a essa ferramenta, ou não lhe foi

oportunizado letramento sobre sua utilização. Assim sendo, entidades governamentais, editoras, feiras de livros, bibliotecas e até mesmo escolas e universidades podem e devem promover atividades e práticas de círculos de leitura, tanto para o público que não participa mais da vida escolar formal, quanto para estudantes de ensino básico, a fim de integrar a comunidade em seu todo com a literatura e a leitura em seu mais completo nível cognitivo e social.

O governo poderia, por exemplo, efetivar descontos nos impostos de empresas privadas que patrocinem e/ ou promovam eventos literários e círculos de leitura. Algumas empresas, como bancos e distribuidoras de produtos diversos, já promovem o estímulo à leitura através de ações e projetos de doação de livros. Ainda, Cosson (2017) menciona um hospital que promovia círculos de leitura literária para que seus médicos e enfermeiros pudessem passar por um processo humanizador mais eficiente.

As escolas, por sua vez, poderiam estabelecer encontros de leitores que incluiriam não somente os alunos, mas também os pais, a família e a comunidade, como atividades que fazem parte do calendário escolar e da avaliação dos alunos. Feiras de livros, abertura da biblioteca à comunidade com círculos de leitura promovidos pelos professores e alunos já são realidade em algumas instituições de ensino fundamental do país. A extensão dessas atividades a um público já egresso da escola poderia reestabelecer os vínculos que esses indivíduos um dia tiveram com suas escolas. Os programas de Pós-Graduação de universidades brasileiras também se apresentam como um possível perpetuador de círculos de leitura, talvez criando uma rede com as instituições de ensino fundamental e médio para atender a um público de ex-estudantes.

As editoras também poderiam estimular círculos de leitura com conversas entre seus autores e o público interessado nas obras, porém sem um caráter puramente marketeiro ou de estabelecer o autor do livro como uma autoridade: apenas um encontro e uma discussão entre os leitores e o escritor sobre suas diferentes/similares visões sobre a obra. Editoras muitas vezes escolhem influenciadores (chamados de *curadores* em muitos casos) para lançar clubes de leitura, alavancando suas vendas e o interesse do público por suas obras. Esse modelo poderia ser incorporado a um projeto governamental, com recursos públicos que utilizassem essa linha de trabalho para seduzir leitores e, através de frentes distintas de incentivo, possivelmente melhorar os índices de leitura no Brasil.

Comentários finais

Este artigo buscou apresentar alguns estudos sobre círculos de leitura literária no Brasil que não estivessem necessariamente inseridos no contexto da educação básica formal, e refletir que a prática de círculos de leitura em ambientes fora da escola, justamente pela escassez de estudos existentes sobre isso, deve receber maior atenção de entidades governamentais, de professores, de pesquisadores, da mídia e da comunidade em geral.

Como mencionado previamente, qualquer empresa privada ou mesmo entidade governamental pode e deve promover práticas de leitura, tanto para estudantes como para o público em geral, a fim de integrar a comunidade em seu todo com a literatura e a leitura em seu mais completo nível cognitivo e sociocultural.

“Ler não tem contraindicação, porque é o que nos faz humanos. Todas as formas de ler valem a pena” (COSSON, 2017, p. 179). Assim, compreende-se que os círculos de leitura são apenas mais um modo de se ler o mundo, representando uma forma de integração entre pessoas de diversas idades, origens e classes sociais, contribuindo não somente para o desenvolvimento de habilidades cognitivas e sociais relativas à leitura em si, mas também como forma de entendimento e aproximação da diversidade cultural dos leitores.

Referências

ASSUMÇÃO, Jéferson. Leitura Cultural, crítica ou utilitária. In: AMORIN, Galeno (org.). *Retratos da Leitura no Brasil*. São Paulo: Imprensa Oficial: Instituto Pró-livro, 2008.

AMORIN, Galeno. Os muitos retratos da leitura no Brasil. In: AMORIN, Galeno (org.). *Retratos da Leitura no Brasil*. São Paulo: Imprensa Oficial: Instituto Pró-livro, 2008.

BAMBERGER, Richard. *Como incentivar o hábito da leitura*. São Paulo: Ática, 1995.

CANDIDO, Antônio. *Vários Escritos*. São Paulo: Duas Cidades, 1995.

CHARTIER, Roger. *A aventura do livro – do leitor ao navegador*. São Paulo: Editora UNESP, 1999.

_____. *Cultura Escrita, Literatura e História: conversas de Roger Chartier com Carlos Aguirre Anaya, Jesús Anaya Rosique, Daniel Goldin e Antonio Saborit*. Porto Alegre: ARTMED Editora, 2001.

COSSON, Rildo. *Círculos de Leitura e Letramento Literário*. São Paulo: Contexto, 2017.

CLARABOIA, Jacarezinho/PR, n.16 (Educação literária), p. 24-39, jul./dez, 2021. ISSN: 2357-9234.

CUNHA, Maria Antonieta Antunes. Acesso à leitura no Brasil. In: AMORIN, Galeno (org.). *Retratos da Leitura no Brasil*. São Paulo: Imprensa Oficial: Instituto Pró-livro, 2008.

FAILLA, Zoara (org.). *Retratos da Leitura no Brasil 4*. Instituto Pró-Livro. Rio de Janeiro: Sextante, 2016.

FERREIRA, Norma S. A. *Pesquisa em leitura: um estudo dos resumos de dissertações de mestrado e teses de doutorado defendidas no Brasil, de 1980 a 1995*. Tese de Doutorado, Campinas/São Paulo, UNICAMP/ Faculdade de Educação, 1999.

GARCIA, Pedro Benjamin. Literatura e identidade: tecendo narrativas em rodas de leitura. *Leitura: teoria & prática*. Campinas, São Paulo, V. 27, N. 54, 2010, p. 65-73.

GONÇALVES, Luciana Sacramento Moreno. *Os jovens em círculos de leitura literária: uma proposta para espaços alternativos*. Tese de Doutorado – Faculdade de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2014. 223 f.

HALL, Mark. The Oprahfication of Literacy: Reading Oprah's book club. *College English*, vol. 65, n. 6, julho de 2003, p. 646-667.

HALLEWELL, Laurence. *O livro no Brasil: sua história*. Tradução de Maria da Penha Villalobos, Lólio Lourenço de Oliveira e Geraldo Gerson de Souza. 2ª Edição. São Paulo: EDUSP, 2005.

HÉRBERT, Manon. Co-elaboration of meaning in peer-led literature circles in secondary school. The interplay between reading modes, quality of talk, and collaboration modes. *L1 – Educational Studies in Language and Literature*, v. 8, n.3, p. 23-55, 2008.

INSTITUTO PRÓ-LIVRO. *Retratos de Leitura no Brasil*. 4.ed. 2016.

KLEIMAN, Angela B. *Leitura: ensino e pesquisa*. Campinas: Pontes, 1989.

_____. Abordagens da leitura. *SCRIPTA*, Belo Horizonte, v. 7, n. 14, p. 13-22, 1º sem. 2004.

_____. *Texto & Leitor. Aspectos Cognitivos da Leitura*. 15. Edição, Campinas: Pontes, 2013.

KOCH, Ingedore; ELIAS, Vanda Maria. *Ler e compreender os sentidos do texto*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2015.

KONG, Ailing. FITCH, Ellen. Using book club to engage culturally and linguistically diverse learners in Reading, writing and talking about books. *The Reading Teacher*, v.56, n. 4, p. 352 – 362, 2002.

LAJOLO, Marisa. *Como e por que ler o romance brasileiro*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2004.

LÁZARO, André. BEAUCHAMP, Jeanete. A escola e a formação de leitores. In: AMORIN, Galeno (org.). *Retratos da Leitura no Brasil*. São Paulo: Imprensa Oficial: Instituto Pró-livro, 2008.

LEÃO, Cleonice de Moraes Evangelista. SOUZA, Dalma Flávia Barros G. Letramento Literário em Círculos de Leitura na Escola. *Palimpsesto*, N° 21, ano 14, 2015, p. 427-441.

LEFFA, Vilson Jose. Fatores da Compreensão na Leitura. *Cadernos do IL*, Porto Alegre, v.15, n.15, 1996, p.143-159.

_____. Perspectivas no estudo da leitura; Texto, leitor e interação social. In: LEFFA, Vilson J. PEREIRA, Aracy, E. (Orgs.) *O ensino da leitura e produção textual: alternativas de renovação*. Pelotas: Educat, 1999. p. 13-37.

MANGUEL, Alberto. *Uma História da Leitura*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

MILLER, John W. MCKENNA, Michael C. *World Literacy: How Countries Rank and Why It Matters*. New York: Routledge, 2016.

PENIDO, Thais Nogueira. *Um Estudo dos Resumos de Dissertações de Mestrado e Teses de Doutorado: 45 anos de Produção em Leitura no Brasil (1965 – 2010)*. Dissertação de Mestrado, Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, 2017.

PINTO, Francisco N. P. Letramento Literário: Formação do Leitor de Literatura em Tempos de Transição Paradigmática. *Anu. Lit.*, Florianópolis, v. 19, n. 1, p. 75-94, 2014.

REZENDE, Lucinea Aparecida de. FRANCO, Sandra Aparecida Pires. ARAÚJO, Cristina Nalon de. A leitura na universidade: ideias circulantes. *Práxis Educativa*, Ponta Grossa, v. 8, n. 1, p. 243-272, jan./jun. 2013.

SANT'ANNA, Almirne M. V. da Silva. PINHEIRO, Ana Valéria S. Oralidade e Letramento em Círculos Literários. *Anais do SILEL*. Volume 3, Número 1. Uberlândia: EDUFU, 2013.

SCHMITZ-BOCCIA, Andréa. Clubes de leitura: a construção de sentidos em situações de leitura colaborativa. *Revista Acadêmica de Educação do ISE Vera Cruz*, v. 2, n.1, 2012.

SCLIAR, Moacir. O valor simbólico da leitura. In: AMORIN, Galeno (org.). *Retratos da Leitura no Brasil*. São Paulo: Imprensa Oficial: Instituto Pró-livro, 2008.

SILVA, Elaine Teixeira da. Clubes de Leitura e os entornos tecnológicos: uma ferramenta para a formação leitora. *Uniletras*, Ponta Grossa, v. 37, n. 2, p. 165-176, jul/dez. 2015.

SOUZA, Rodrigo Matos de. Leitores, Leitura e Círculos: uma perspectiva metodológica. *Ponto de Acesso*, V.6, n.1, abr 2012, p. 92-107.

TODOROV, Tzvetan. *A literatura em perigo*. 9.ed. Rio de Janeiro: DIFEL, 2019. Tradução Caio Meira.

YUNES, Eliana. Círculos de Leitura: teorizando a prática. *Leitura: teoria & prática*, n.º. 33. Porto Alegre: Mercado Aberto; Campinas: ALB, 1999, p.17-21.

ZILBERMAN, Regina. *Fim do livro, fim dos leitores?* 2ª edição. São Paulo: Editora SENAC, 2008.

Recebido em: 29/1/2020

Aprovado em: 11/5/2020